

O SUJEITO EM SEMIOSE NO POEMA *I COME FROM*, DE MAGGIE HARRIS
*The subject in semiosis in the poem I come from, by Maggie Harris*Josivan Antonio do Nascimento¹Silvana Maria Pantoja dos Santos²

RESUMO: Focando no sujeito entre culturas em semiose *ad infinitum*, este trabalho analisa o poema *I come from* (2011), de Maggie Harris, a fim de identificar como a ideia de identidade cultural é retratada através do eu em um processo contínuo de semiose. O estudo considera os pressupostos teóricos desenvolvidos por Peirce (2010), a ideia de identidade argumentada por Noack (2006) e o conceito de cultura proposto por Bhabha (1994). A análise revela que a cultura é responsável por fazer o sujeito conceber a identidade como parte de um processo de semiose entre o ego e o não-ego, o ser e o não ser.

Palavras-chave: Ser / Não-Ser. Identidade. Cultura. Semiose.

ABSTRACT: Focusing on the subject between cultures in semiosis *ad infinitum*, this paper aims to analyze the poem *I come from* (2011), by Maggie Harris, in order to identify how the idea of cultural identity is portrayed through the self in a continuum process of semiosis. The study considers the theoretical assumptions provided by Peirce (2010), the idea of identity argued by Noack (2006) and the concept of culture proposed by Bhabha (1994). The analysis reveals that culture is responsible to make the subject conceive their identity as a part of a semiosis process between the ego and not-ego, being and not being.

Keywords: Being / Not-Being. Identity. Culture. Semiosis.

1. INTRODUÇÃO

The soul's deeper parts can only be reached through its surface (Charles Sanders Peirce).

Pensar no *ser* implica um *não-ser* e *estar* também acarreta um *não-estar*. Levando adiante essa dimensão lógico-filosófica, implica-se o seguinte argumento: é possível *ser* sem *estar* e *estar* sem *ser* sem envolver a noção de cultura? A partir dessa reflexão pretende-se elucidar acerca da complexidade desse universo teórico

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: josivnascimento@outlook.com

² Prof.^a Dr.^a do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

como manifestação estético-poética através do fenômeno literário. Dessa forma, o estudo considera o conceito de signo à luz da semiótica de Peirce (2010), a noção de identidade defendida por Noack (2006) e a ideia de cultura proposta por Bhabha (1994), com o intuito de compreender o universo do sujeito poético no poema *I come from*³, de Maggie Harris, selecionado da obra *Selected poems* (1999-2010) publicada em 2011.

Nascida na Guiana, em 1954, Maggie Harris cultiva em sua poesia temas ligados a questões pós-coloniais e estudos afro-caribenhos mesmo tendo migrado para o Reino Unido em 1971. Esse processo de migração de autores — geralmente de países da América Central, Ásia e África — em busca de vida melhor na América do Norte ou Europa Ocidental repercute nas obras literárias a abordagem de um sujeito que fala de si e de seu povo num lugar que não é o seu. Harris recebeu em 2000 o prêmio *Guyana Prize for Literature* com sua obra de poesia *Limbolands*. Faz parte de sua obra diversas coleções de poemas (como *Sixty Years of Loving*) e contos (*Kiskadee Girl*) (HAYNES, 2014).

Dando destaque a uma compilação de 49 poemas publicada em 2011 com o título *Selected poems* (1999-2010), percebe-se certa ênfase em aspectos que reforçam a ideia de hibridismo cultural. O sujeito remonta às suas origens em vários aspectos: família, terra, cultura e tradição de seu povo. Harris cultiva em sua poesia as raízes deixadas em seu país de origem na América Central: Guiana. O poema *I come from*, escolhido para análise, de certa forma revela um sujeito que se vê de fora e originado de um universo permeado de culturas. Um trânsito de identidades e origens sem uma essência homogênea. O *outro* passa a constituir os fragmentos do *eu*, como se percebe no poema a seguir:

I come from borrowed names, given names, names of
dispossession
Hawker, Harris, Princess *Margaret* waving her white-gloved hand
from the motor cavalcade.
I come from faces, earth & sun faces, tamarind faces,
watermelon teeth;
from hands: rough carpenter's hands, smooth Nivea-creamed hands,
blue-veined & cutexed, hands that reached for the cane.
I come from skin and bone, Portuguese skin, African bones
buried in forgotten oceans.

³ A versão escolhida para análise neste trabalho é a publicada no idioma original em Inglês. A tradução livre e sem rigor estético do poema feita em rodapé para o Português é de nossa autoria, bem como as demais citações em inglês citadas a partir daqui.

I come from trade.

I come
 from the ringing of bells, the clapping of hands
 from foreday morning drums over a Pentecostal backyard
 from cutlasses and ships
 from red bauxite pyramids of barges
 from that name, *Captain*, cutting through those rivers
 they charted, navigated, christened, 'Home'.
 I come from the wind.

I come from dreams of paradise

From dreams of paradise I came

(HARRIS, 2011, p. 24, grifo do autor).⁴

A partir de uma repetição sintática curta, Harris usa *I come from* para compor o cenário heterogêneo do qual o sujeito faz parte. Repetir a mesma expressão em vários versos com complementos distintos destaca a diferença de cada origem. É curioso notar o fato de não haver no poema nenhuma conjugação do verbo ser ou estar, o que será discutido mais adiante. Harris esclarece ao pé do poema, detalhe omitido na citação anterior, ter se inspirado em um poema de mesmo título da autoria de Jo Roach. Foi identificado um poema deste autor intitulado *Bread and Butter [Pão e manteiga]*, publicado no site *theguardian.com* em Setembro de 2007 cujos versos revelam aspectos críticos com a mesma construção sintática — *I come from...* — que demonstram ser o texto ao qual Harris se refere: *I come from women married to men / who laboured in a country they didn't call home*⁵ (ROACH, 2007). Em ritmo semelhante, outros autores criaram poemas seguindo o mesmo modelo, como o *Bread and Butter* de Lyndi Smith: *I come from women left who won't remarry / investing all their love in two small girls*⁶ (SMITH, 2011). Sem objetivar um estudo

⁴ “Venho de nomes emprestados, nomes dados, nomes de / desapropriação / Hawker, Harris, Princesa *Margaret* acenando sua mão de luvas brancas / da cavalgada do motor. / venho de faces, faces de terra e sol, rostos de tamarindo, / dentes de melancia; / das mãos: ásperas mãos do carpinteiro, mãos macias em creme Nívea, / de velas azuis as mais belas mãos que alcançaram a bengala. / venho de pele e osso, pele Portuguesa, ossos Africanos / enterrados em oceanos esquecidos. / venho do comércio. / eu venho / do som dos sinos, das palmas das mãos / de tambores matutinos madrugando sobre um quintal Pentecostal / de cutelos e navios / de vermelhas pirâmides de barcaças de bauxita / daquele nome, *Capitão*, cortando aqueles rios / que eles traçaram, navegaram, batizaram, “Casa”. / eu venho do vento. / Venho dos sonhos do paraíso / Dos sonhos do paraíso eu vim”.

⁵ “eu venho de mulheres casadas com homens / que trabalharam em um país que eles não chamavam casa”.

⁶ “Venho de mulheres largadas que não se casarão novamente / investindo todo o seu amor em duas meninas pequenas”.

comparado, notam-se em Roach, Harris e Smith questionamentos sobre hibridismo e espaços multiculturais, embora com certa ironia em alguns pontos.

A presença de traços culturais heterogêneos na construção da identidade do sujeito poético é marcante logo nos versos iniciais do poema de Harris: *I come from borrowed names, given names, names of / dispossession*⁷. A ausência de um nome para si mostra que a identidade começa a ser rompida nesse momento. Ter um nome é assumir uma identidade que particulariza o ser e o diferencia do outro.

No percurso da escravidão mantida por países colonizadores europeus, os negros trazidos da África para a América perdiam sua identidade, cultura e passavam a ser identificados por números ou nomes que enfatizavam ainda mais a situação de oprimido. Esses detalhes são visíveis na obra *Beloved* (1987) de Toni Morrison, onde se percebe que o nome é também usado como forma de manipulação do outro: “[...] *definitions belonged to the definers — not the defined*”⁷ (MORRISON, 1987, p. 108). Como também afirma o crítico gaúcho Assis Brasil (2004, p. 32), “nomear é uma forma de possuir, de dominar”.

O hibridismo cultural forma um sujeito sem uma essência própria: os nomes são dados, emprestados, mas nunca criados pelo próprio sujeito, como se nota no poema. O sujeito se apresenta por faces e disfarces de si no outro: através da profissão, classe, sexo, gênero e cor. É este tipo de universo que corresponde ao do sujeito lírico. Um eu construído dessa atmosfera turbulenta que ora se cruza, completa, ora se afasta e se esvazia. Diante disso, como assegurar que o próprio eu existe se não há um perfil de identidade de si mesmo? Existe porque é parte do todo. Merrell (2001) considera que o sujeito, segundo Lotman, não existe como entidade autônoma. O eu só existe em função do outro (LOTMAN, 2009). No poema *Human Family* [*Família Humana*], Maya Angelou (1994) problematiza as diferenças entre os seres humanos — tratados como uma única família — que os fazem ser mais iguais do que diferentes entre si. Entre essas oposições, o poema enfatiza a relação identidade, a partir do nome pelo qual uma pessoa pode ser chamada:

[...]

I know ten thousand women
called Jane and Mary Jane,
but I've not seen any two
who really were the same.

⁷ “[...] as definições pertenciam aos definidores — não aos definidos”.

[...]

I note the obvious differences
between each sort and type,
but we are more alike, my friends,
than we are unlike.⁸

[...]

(ANGELOU, 1994, p. 224-225).

Mesmo tendo o mesmo nome, duas pessoas jamais serão iguais. Se Jane pode se referir a duas pessoas distintas, como estas podem se referir apenas ao nome Jane? Isso é possível em virtude de um signo possuir “mais de um Objeto”, conforme postula Peirce (2010, p. 47). Se alguém fala espontaneamente a palavra *chuva*, certamente o interlocutor precisa selecionar todos os tipos de chuva já experienciados para que um sentido (a partir de uma imagem mental controlada pelo *interpretante*) seja formado para o signo dado. Dessa forma, a própria noção de chuva protestada pelo interlocutor também se torna um signo, pois é o resultado de um universo maior com peculiaridades específicas: pode ser com ou sem raios, trovões, dia, noite... Isso é o que faz do signo ser arbitrário em relação ao seu objeto, para não entrar na discussão das categorias cenopitagóricas peirceanas. Em outras palavras, um mesmo signo pode ter mais de um sentido, como também o sentido de um signo pode se esvaziar até perder seu significado ou ainda assumir algo totalmente diferente do que transmitia. No que concerne à dimensão arbitrária do signo, Deely propõe que:

Um signo que é também um objeto pode, na mesma medida, deixar de ser signo em qualquer aspecto e em qualquer caso ou instância de percepção (como quando amarramos um fio no dedo para lembrarmos algo e então esquecemos do que queríamos nos lembrar, ou quando não conseguimos lembrar qual a palavra que estamos procurando no dicionário etc.) (DEELY, 1990, p. 72).

No tocante ao sujeito poético como evento participando de um ritual de nomes que não seja o seu em *sui generis*, entende-se como construção de uma nova identidade a partir de outra. Acerca da presença do outro no mesmo, Glissant (1981,

⁸ “Conheço dez mil mulheres / chamadas Jane e Mary Jane, / mas não vi nenhuma das duas / que realmente fossem a mesma. // Noto as óbvias diferenças / entre cada espécie e tipo, / mas somos mais semelhantes, amigos, / Do que somos diferentes”.

p.1) destaca que “[...] o Outro é a tentação do Mesmo, o Todo é a exigência do Diverso” e que “o Mesmo é a diferença sublimada; o Diverso é a diferença consentida”. O ser deixa de ser o que é em sua singularidade e passa ser parte de um universo plural, como parte do todo sendo diferença. Se tudo fosse o mesmo, a possibilidade de construir uma noção do outro seria nula. E o universo seria apenas uma possibilidade qualitativa positiva, como defende Peirce (2010) na sua primeira classe de signos. A diferença só existe em função do outro, que é o mesmo. E este, por seu turno, implica o outro. Um processo de ação e reação a partir de um ser representado pelo *mesmo* em relação ao *não-ser* que é o outro (diferença). A esse respeito, Peirce destaca que:

We become aware of ourself in becoming aware of the not-self. The waking state is a consciousness of reaction; and as the consciousness *itself* is two-sided, so it has also two varieties; namely, action, where our modification of other things is more prominent than their reaction on us, and perception, where their effect on us is overwhelmingly greater than our effect on them. And this notion, of being such as other things make us, is such a prominent part of our life that we conceive other things also to exist by virtue of their reactions against each other (PEIRCE, CP. 1.324, grifo do autor)⁹.

Presenciar o outro implica também estar ciente de si. O sujeito poético assume a posição de sujeito diante de outros sujeitos. Se não fosse possível repensar seu espaço numa semiose, o eu lírico não poderia ser concebido como sujeito, mas sim como objeto, isso é o que mais deve ser relevado na construção de uma identidade.

Levando em conta as contribuições de Noack (2006) quanto à ideia de identidade por um viés semiótico, releva-se que se trata de uma questão complexa. Para citar um exemplo, Noack propõe que “pode-se também identificar um prato como xícara, no entanto existe uma forma de ‘protesto físico’ do prato, uma vez que se faz necessário demasiado esforço para tomar café com leite em um prato” (2006, p. 104). Contestar a identidade do objeto abre caminho para compreender o mesmo

⁹ “Tornamo-nos conscientes de nós mesmos ao tornar-se ciente do não-eu. O estado desperto é uma consciência de reação; e como a consciência **em si** é de dois lados, então ela tem duas variedades; a saber: ação, onde nossa modificação das outras coisas é mais proeminente do que a reação delas em nós, e percepção, onde o efeito delas sobre nós é predominantemente maior do que o nosso nelas. E esta noção, de ser como as outras coisas nos fazem, é uma parte tão relevante de nossa vida que concebemos outras coisas também a existirem em virtude das reações delas umas com as outras”.

fenômeno com o próprio ser humano. Seria, no entanto, demasiado acreditar que o uso do produto possa sobrepor sua função, o que já entra na discussão defendida pelo pragmatista norte-americano Richard Rorty (2005), quando propõe que o que uma pessoa pode fazer com algo é apenas usá-lo. Mas será que se pode sentar numa mesa com a mesma função de uma cadeira? Ou usar uma mesa de jantar para apoiar alguns livros ou uma TV ligada? Continuará sendo uma mesa de jantar ou uma estante para livros ou TV? O livro ou a TV funciona como um outro que é um signo que delimita a identidade da mesa como estante ou algo similar.

Diante desse impasse de sentido, a questão da identidade tal como defende o sujeito no poema *I come from* dá-se de forma semelhante como ocorre na troca de função dos objetos. Como isso é possível? Para Peirce:

Um *Signo* é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito uma Qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu *Interpretante*, para uma relação com o mesmo Objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto na mesma forma, *ad infinitum* (PEIRCE, 2010, p. 28, grifo do autor).

O signo surge quando há o outro. Todo signo tem como objeto algo diferente de si mesmo. Nesse sentido, Peirce (2010) postula que um primeiro (signo) não pode ser um segundo (objeto) de si mesmo. O sujeito do poema se identifica a partir do outro mantendo uma mútua relação de ação e reação com o eu. Como afirma Heráclito (2000, p. 35), “o movimento se processa através de contrários”. O ser confronta com o seu não-ser. Todavia, cumpre lembrar que, segundo Bhabha (1994, p. 109), “o lugar da diferença e alteridade” nunca está fora, mas funciona como presença e pressão agindo constantemente. Esse confronto de resistência é o que permite a conjugação do verbo ser e estar. O sujeito que é, também *está* e vice-versa. Entretanto, como já foi citado, Harris não usa esse verbo no poema. Porém, se a expressão *I come from* fosse trocada por *I am* ao longo do poema, a semântica seria a mesma:

- a) *I come from* borrowed names... [Venho de nomes emprestados...]:
 - *I am* borrowed names... [Sou nomes emprestados...]
- b) *I come from* faces... [Venho de faces...]:
 - *I am* faces... [Sou faces...]
- c) *I come from* skin and bone... [Venho de pele e osso...]

- *I am skin and bone...* [Sou pele e osso...]

E assim por diante...

Dessa forma, quando o sujeito diz que vem de pele e osso, e que a pele é Portuguesa e o osso é Africano, sendo pele e osso o sujeito é Português ou Africano? Certamente ambos: Afro-português. A identidade híbrida faz do sujeito não uma soma, mas um confronto ideológico metaforizado: pele Portuguesa e osso Africano significam, respectivamente, vida/poder e morte/opressão. Os ossos foram enterrados nos oceanos por mãos portuguesas. A pele designa a descendência dos Portugueses herdada pelos escravos vitimados pelo comércio negreiro. As fronteiras entre o sujeito e o outro surgem a partir de *names* [nomes], *faces* [faces], *hands* [mãos], *skin* [pele], *bone* [osso] e *trade* [comércio]. Simbolicamente, através do *ringing of bells* [tocar de sino], *clapping of hands* [palmas das mãos], *drums* [tambores] e *wind* [vento].

Remontando aos traços culturais que justificam a presença do sujeito no mundo, embora não seja expressa pelo verbo estar ou existir, percebe-se que vir de algo [*coming from something*] é também fazer parte daquilo de onde algo procede. É ser. Logo, o sujeito poético é um sujeito que é vindo de um não-ser: o vento, pele, osso, nomes... O todo é o próprio ser fragmentado em partes menores.

Noack (2006) defende que a reação do eu diante do outro faz deste um signo. Dessa forma, o sujeito passa a assumir diferentes posturas conforme o sentido atribuído a este outro, que é um signo. Essas posturas e comportamentos distintos formam as *identidades*. Noack chega à conclusão de que a palavra signo — no sentido peirceano de que é algo diferente de si mesmo, que remete a outra coisa em relação a um interpretante *ad infinitum* — pode ser substituída pela palavra identidade. Pois esta também se processa de forma semelhante ao signo.

A construção do eu se dá tanto no nível do próprio sujeito, como externamente. O poema *I come from* revela um sujeito que apenas se descobre como tal a partir do outro. Mas é também este outro que forma o próprio sujeito. Um dualismo constante em torno de várias identidades. O estar aqui e ali, agora formando um entre-lugar. Homi Bhabha esboça que a atuação do eu nesse espaço intermediário fornece meios para criar uma nova identidade do ser:

These “in-between” spaces provide the terrain for elaborating strategies of selfhood - singular or communal - that initiate new signs

of identity, and innovative sites of collaboration, and contestation, in the act of defining the idea of society itself (BHABHA, 1994, p. 1-2, grifo do autor).¹⁰

A construção do novo ser no entre-lugar define um sujeito em semiose. Por este conceito, Deely (1990, p. 46) expressa que a semiose não está confinada ao que foi ou é, pois “[...] emerge na fronteira entre o que é e o que pode ser, ou que poderia ter sido”.

Assim, pode-se dizer que em semiose o signo é uma coisa que conduz seu interpretante “[...] a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu *objeto*) de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum*” (PEIRCE, 2010, p. 74, grifos do autor). Remontando especificamente a alguns versos do poema, percebe-se que o sujeito lírico é parte de uma semiose *in continuum ad infinitum*. O entre-lugar permite que o eu confronte com outras espécies de signos e crie novos sentidos que interferem no universo da identidade do ser. Isso é o que motiva a semiose, porque é contínuo. Sendo contínua e permeada de signos, a identidade se manifesta por meio de relação com o outro. Segundo Noack:

Pensar a identidade como algo relativo significa pensá-la sob suas duas perspectivas: transcendente — o processo de ajuste de um interior subjetivo com um mundo externo; e ontológica — como identidade, uma entidade que é um isso — incluindo-se o fato de que a relação ontológica, intersubjetiva, baseia-se numa relação transcendental, intra-subjetiva, [...]. (NOACK, 2006, p. 110).

A transcendentalidade ontológica do ser em confronto com o outro cria uma força de resistência. Não se pode afirmar que essa relação acontece passivamente. O sujeito tanto molda a concepção do social como este também constrói o indivíduo. Sobre a questão da resistência, Bhabha demonstra:

Resistance is not necessarily an oppositional act of political intention, nor is it the simple negation or exclusion of the 'content' of another culture, as a difference once perceived. It is the effect of an ambivalence produced within the rules of recognition of dominating discourses as they articulate the signs of cultural difference and

¹⁰ “Esses espaços “intermediários” [entre-lugar] proporcionam o terreno para elaborar estratégias de individualidade - singular ou comunitária - que iniciam novos signos de identidade e locais inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a ideia da própria sociedade” (BHABHA, 1994, p. 1-2).

reimplicate them within the deferential relations of colonial power - hierarchy, normalization, marginalization and so forth (BHABHA, 1994, p. 110-111)¹¹.

A noção de resistência incorpora as partes em todo. Não se pode dizer que uma telha é um telhado, nem tampouco que um tijolo é uma parede ou que esta seja uma casa. Todavia, tomados como um todo, telhado, paredes e as demais partes formam a noção de casa. A casa é um elemento que só existe em função de suas partes menores que não são casa, mas que em conjunto formam essa ideia. Nesse sentido, o uso repetido de *I come from* ao longo do poema de Maggie Harris remonta a ideia de que o sujeito só existe em função de todos os elementos que complementam a preposição *from* (desde, a partir, de — no sentido de origem). Isso faz do sujeito o que é fragmentado em si mesmo em contrastes. A sequência de antíteses formam uma unidade que se desenvolve constantemente, como se observa nas alíneas a seguir:

- a) I come from = nomes dados e emprestados;
- b) I come from = nomes de desapropriação e comércio;
- c) I come from = mãos de Princesa e carpinteiros;
- d) I come from = mãos ásperas e macias com creme Nívea;
- e) I come from = mãos enluvadas e enrugadas (idosa);
- f) I come from = pele e osso;
- g) I come from = Inglaterra (Princesa Margaret), Portugal (pele) e África (osso);
- h) I come from = tocar de sino e palmas das mãos.

É necessário afirmar que nessa perspectiva o sujeito se articula com o todo repetido na história. A presença do passado no presente direciona o eu ao aqui e agora num fluxo contínuo. Segundo Said (2011, p. 34), “a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente”. Nesse universo, o local do ser gira em torno da própria temporalidade do que da historicidade. Homi Bhabha (1994) destaca que isso tem como efeito o fato de o local assumir um viés de modo de vida mais complexo do que comunidade:

¹¹ “A resistência não é necessariamente um ato de oposição de intenção política, nem é a simples negação ou exclusão do “conteúdo” de outra cultura, como uma diferença uma vez percebida. É o efeito de uma ambivalência produzida dentro das regras de reconhecimento dos discursos dominantes à medida que articulam os signos de diferença cultural e os reimplica nas relações diferentes do poder colonial - hierarquia, normalização, marginalização e assim por diante”.

[...] more symbolic than 'society'; more connotative than 'country'; less patriotic than patrie; more rhetorical than the reason of State; more mythological than ideology; less homogeneous than hegemony; less centred than the citizen; more collective than 'the subject'; more psychic than civility; more hybrid in the articulation of cultural differences and identifications than can be represented in any hierarchical or binary structuring of social antagonism (SAID, 1994, p. 140, grifo do autor).¹²

Por fim, percebe-se que a base de construção de identidade do ser é a complexidade heterogênea girando em torno do eu através de um percurso histórico. Tal processo condiciona o eu a buscar nos fatores que lhe deram origem a raiz que o torna o que é. Assim, quando o ser é, ele também *estar* de alguma forma porque envolve a noção de cultura. Este aspecto faz parte de um universo maior, heterogêneo, e que se conjuga nos verbos ser e estar, construindo assim o sujeito que passa a existir. Dessa forma, Harris enfatiza em seu poema as lacunas que fragmentam o sujeito frente à perda de uma identidade homogênea. Esses vazios subtraem do sujeito a sua voz, a sua cor, o seu espaço e, sobretudo: o nome.

Considerando o tempo como agente sobre a formação da identidade do ser, o passado representa o acúmulo e perda dos traços do eu. O presente revela o sujeito em semiose com o passo e o futuro. O despertar do ser com o não-ser. Neste sentido, o tempo condiciona em cada momento uma identidade do ser, que já não é a mesma assim quando o sujeito permanece em semiose contínua. Por isso, a angústia da perda da identidade quando não se concebe que tal perda camufla apenas a ilusão do eu frente ao outro. A cultura opera no sujeito uma força do além. Conforme Homi Bhabha (1994, p. 7), o além funciona como um espaço de intervenção entre o “aqui e o agora”. O eu que existe resiste e insiste em si mesmo a fim de que se constitua o sentido de si. O além sendo aqui e agora é o limite da condição de identidade e cultura. Neste caso, a cultura é apenas a manifestação de uma identidade que se revela em cada momento de uma semiose. Em cada semiose, o sujeito recompõe sua identidade construindo culturas.

¹² “[...] mais simbólica do que a "sociedade"; mais conotativo do que 'país'; menos patriótico que pátria; mais retórica do que a razão do Estado; mais mitológico que ideologia; menos homogêneo do que a hegemonia; menos centrado do que o cidadão; mais coletivo que 'o sujeito'; mais psíquico que civilidade; mais híbrido na articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social”.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. Human family. In: **The complete collected poems of Maya Angelou**. New York: Random House, 1994, p. 224-225.

BHABHA, Homi. **The location of culture**. London and New York: Routledge, 1994.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. Entre a universalidade e o particular: a literatura entre as identidades regionais. In: SCHULER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (Orgs.). **Cultura e identidade regional**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 31-41.

DEELY, John. **Semiótica básica**. Tradução Julio C. M. Pinto. São Paulo: Ática, 1990. (Série Fundamentos; 80)

GLISSANT, Édouard. O mesmo e o diverso (1981). Tradução Normélia Parise; comentário Graciela Ortiz. **Projeto CD-ROM Antologia de Textos Fundadores do Comparatismo Literário Interamericano**, UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/glissant/glissant.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2017, 6 p.

HARRIS, Maggie. I come from. In: **Selected poems** (1999-2010) with an introduction by Lynne Macedo; series preface by the President of Guyana, H. E. Bharrat Jagdeo. Guyana: The Caribbean Press, 2011, p. 24.

HAYNES, Leanne. Fighting the fear, writing the real: an interview with Maggie Harris. **ARC Magazine**. West Indies, 4 jun. 2014. Disponível em: <<http://arcthemagazine.com/arc/2014/06/fighting-the-fear-writing-the-real-an-interview-with-maggie-harris/>> Acesso em: 3 oct. 2016.

LOTMAN, Juri. **Culture and explosion**. Edited by Marina Grishakova; translated by Wilma Clark. Berlin, New York: Mouton der Gruyter, 2009.

MERRELL, Floyd. Lotman's semiosphere, Peirce's categories, and cultural forms of life. **Sign Systems Studies**, ISSN 1406-4243 / ISBN 9985-56-622-X, vol. 29(2), 385-415; Tartu: Tartu University Press, 2001, p. 385-416. Disponível em: <<http://mobile.dspace.ut.ee/handle/10062/54893>> Acesso em: 13 abr. 2017.

MORRISON, Toni. **Beloved** (1987). Disponível em:

<<http://publish.uwo.ca/~hamendt/WD%20final%20Project/litertaure/Beloved.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2017, 156 p.

NOACK, Juliane. A ideia de identidade sob uma perspectiva semiótica. **Revista Gal/Exia**, São Paulo, n. 12, p. 103-113, dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1455/919>> Acesso em: jan. 03 2017.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**; tradução José Teixeira Coelho Neto; 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Estudos; 46; dirigida por J. Guinsburg).

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Charles Hartshorne, Paul Weiss (vols. 1-6); Arthur W. Burks (vols. 7-8) (eds). Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. 8 vols.

ROACH, Jo. Bread and Butter. **The Guardian**. set. 2007. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/books/2007/nov/03/featuresreviews.guardianreview25>>

Acesso em: 03 jan. 2017.

RORTY, Richard. A trajetória do pragmatista. In: ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. Tradução MF; revisão da tradução e texto final Monica Stabel. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.105-127. (Tópicos)

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SMITH, Lyndi. **Bread and Butter**. [S.l.], maio 2011. Disponível em:

<<https://lyndismith.com/tag/bread-and-butter/>> Acesso em: 04 jan. 2017.